

Saramago e o romance — Exercícios

12.º Ano

Português

4 páginas

Revisão rápida (antes de resolver)

José Saramago (1922–2010) — Nobel da Literatura em 1998, o primeiro autor de língua portuguesa a recebê-lo. Romances de referência: *Memorial do Convento* (1982), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), *A Jangada de Pedra* (1986), *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991) e *Ensaio sobre a Cegueira* (1995).

Traços do romance saramaguiano: frases longas de fluxo de pensamento; diálogos sem aspas nem travessão (a fala funde-se na narração); ironia e reflexão histórica; personagens simples que suportam o peso da história; fábula e alegoria — a ficção inventa onde o registo oficial cala.

Síntese da ficha (sem citação): em *Memorial do Convento*, Baltasar (soldado de um braço só) e Blimunda, dois pequenos do povo, acompanham a construção do convento de Mafra por ordem de D. João V. O romance cruza o poder que gasta e o povo que sofre — e inventa o que a história não arquivou.

Exercícios

1. Ficha do autor: a) Ano do Nobel: ____ b) Primeiro Nobel em língua portuguesa → ____

2. Liga cada obra ao tema: a) *Memorial do Convento* → ____ b) *Ensaio sobre a Cegueira* → ____ c) *O Ano da Morte de Ricardo Reis* → ____ (opções: alegoria social / construção de Mafra e poder / heterónimo de Pessoa na Lisboa dos anos 30)

3. Ponte com a unidade anterior: a) Ricardo Reis é heterónimo de ____ b) O romance de Saramago põe-no a viver entre a ficção e a ____

4. Traço de estilo: a) Nos diálogos de Saramago não há ____ nem ____ b) Efeito: a fala funde-se com a ____

5. Frase longa e fluxo: a) O efeito de sentido é de ____ (fluir do pensamento) b) Diferença para a frase curta jornalística: ____

6. Romance histórico: a) A época de Mafra é ____ (real) b) Baltasar e Blimunda são personagens ____

7. Alegoria: em *Ensaio sobre a Cegueira*, a cegueira funciona como metáfora de ____ — alegoria = história com sentido ____

8. Ironia histórica: «o poder que gasta, o povo que sofre» — a) É um contraste entre ____ e ____ b) Função: ____ (questionar o registo oficial)

9. Sinopse: Escreve em 1 frase (quem + onde + conflito) a sinopse de *Ensaio sobre a Cegueira* — sem revelar o final. _____

10. V/F: a) O Nobel de Saramago foi em 1998 → ____ b) Os diálogos dele usam aspas e travessão → ____ c) Ricardo Reis nasceu como heterónimo de Pessoa → ____
d) Alegoria dá sentido figurado ao enredo → ____

11. Paráfrase: Porque é que um romance histórico NÃO substitui um manual de história? _____

12. Produção: Escreve 4 linhas: por que razão *Ensaio sobre a Cegueira* funciona como alegoria da sociedade (sem spoiler do final).

.....

.....

.....

.....

Soluções — Saramago e o romance

1. a) 1998 b) V (primeiro autor de língua portuguesa a recebê-lo)
2. a) construção de Mafra e poder b) alegoria social c) heterónimo de Pessoa na Lisboa dos anos 30
3. a) Fernando Pessoa b) história real (romance entre a ficção e o registo histórico)
4. a) aspas - travessão b) narração (continuum narrativo; a fala marca-se com vírgula e «disse ele»)
5. a) fluxo de pensamento / consciência b) a frase curta noticiosa informa; a longa pensa e reflete
6. a) real / histórica b) ficcionais (criadas pelo autor)
7. a) cegueira moral, injustiça e perda de humanidade b) figurado (além da letra)
8. a) poder (D. João V, o convento) e povo (os que trabalham e sofrem) b) questionar o registo oficial / denunciar a assimetria
9. (modelo) «Numa cidade anónima, uma cegueira branca contagia e isola as pessoas em quarentena; quem conserva a vista guia um grupo e descobre que o pior não é não ver, é o que os “vingadores” fazem quando ninguém olha.»
10. a) V b) F (sem aspas nem travessão) c) V d) V
11. (exemplo) «Porque inventa personagens e conflitos para dar rosto humano à época: o romance emociona e interpreta, mas não substitui a prova documental e a data que o manual regista.»
12. (modelo) «Funciona como alegoria porque a cegueira não é só clínica: é metáfora de quem deixa de ver o outro como humano. Ao pôr pessoas boas a falhar sob pressão, o romance testa a sociedade inteira — a solidariedade e a brutalidade convivem em cada grupo, como na vida real. Assim, a história “de um vírus” torna-se um espelho da nossa cegueira moral.»